Dia 1 — São Simeão, o Simples

Para confundir a vã sabedoria do mundo, dispôs a divina Providência enviar a ele, de quando em quando, alguns servos de Deus, tão dedicados a se mostrarem insensatos ao presunçoso conceito dos filhos deste século quanto estes se esmeram em ostentar-se discretos aos olhos dos mundanos. Um destes foi o santo cuja vida vamos escrever.

Chamou-se Simeão, e acrescentou-se-lhe o epíteto, ou, para melhor dizer, a alcunha de Salós, palavra que significa o Simples; e foi seu nascimento em Edessa, cidade da Mesopotâmia, naquela parte da Síria que se dilata do outro lado do Eufrates. Ignoram-se os sucessos de sua infância, e apenas se sabe que foi de família distinta na região, tanto por sua opulência como por sua inviolável adesão à religião católica naqueles desgraçados tempos em que as heresias despedaçavam e assolavam a combatida Igreja do Oriente. Aprendeu com igual facilidade e perfeição tanto a língua como as ciências dos gregos, prova nada duvidosa da excelência de seu engenho, assim como o foi da inocência de seus costumes o ardente desejo que teve de sacrificar-se a Deus desde a sua mesma infância.

Aos vinte anos incompletos de idade, era o exemplo e a admiração de Edessa por sua sabedoria e por sua virtude. Sentiu-se movido a visitar os santos lugares de Jerusalém, cidade à qual concorriam todos os anos tanto os edessenos como os demais povos da comarca, singularmente no dia da Exaltação da Santa Cruz, cuja festa se celebrava com grande solenidade. Juntou-se a um amigo seu, chamado João, para empreenderem juntos esta devota viagem. À vista daqueles preciosos instrumentos de nossa eterna felicidade e dos lugares sagrados onde se obraram os grandes mistérios de nossa redenção, renovaram-se no coração de Simeão todos os fervorosos afetos da mais terna piedade; e a esses virtuosos impulsos da graça seguiu-se imediatamente o tédio e o desgosto de todas as coisas do mundo. Terminada a festa, e tendo nossos peregrinos cumprido sua religiosa devoção, tomaram o caminho de volta à sua terra pelo vale de Jericó, onde descobriram grande número de mosteiros fundados às margens do Jordão. Detiveram-se à vista de um espetáculo de tanta edificação; começaram a falar de como eram felizes aqueles homens anjos que os habitavam; as reflexões excitaram os movimentos do coração, e destes, naturalmente, acenderam-se-lhes os desejos de imitá-los.

«Felizes homens (diziam) os que povoam estes desertos, distantes do tumulto, isentos das vicissitudes e a salvo das inconstâncias tão comuns no século! Que santa será sua vida, que doce, que tranquila sua preciosa morte! Não há no mundo homens mais afortunados. — Com que gosto (disse nosso santo) iria eu visitar estes anjos humanos! — Com maior (replicou João) os imitaria eu. — Pois vamos vê-los (acrescentou Simeão), que talvez nos conceda o céu essa graça.» Tomada esta resolução, despediram os criados com os cavalos e, desviando-se do caminho real, seguiram

por uma estreita senda que guiava aos mosteiros.

O primeiro que encontraram foi o de São Geraldo (Gerásimo), cujo abade era São Nicon. Encontraram à porta um venerável ancião que os recebeu com tanto agrado, com tanto amor e com tanta alegria como se já os estivesse esperando por revelação divina. Observaram o profundo silêncio que reinava no mosteiro, o grato e carinhoso acolhimento que lhes fez o abade, a modéstia e não sei que ar de santidade que resplandecia em todos os monges, sua humildade, sua mortificação e, em meio a tanta austeridade, uma doçura e uma alegria celestial. Tudo lhes causou admiração, tudo os enamorou, e desde o mesmo dia tomaram a resolução de não voltar mais a Edessa e deixar tudo por amor de Jesus Cristo.

Crescendo-lhes o fervor a cada instante, declararam-se ao abade, fazendo-lhe tão vivas instâncias para que os admitisse no número dos religiosos que afinal lhes cortaram o cabelo e deram-lhes o hábito de monges. Foi tanto o fervor com que empreenderam seu noviciado, e tão rápidos os progressos que em breve tempo fizeram no caminho da perfeição por sua fiel correspondência à graça, que ao cabo de poucos dias já os propunham como modelos.

Apesar de ser tão austera a vida que se professava naquele célebre mosteiro, ainda assim pareceu a Simeão demasiadamente suave; levava-o a inclinação a maior retiro. E, explicando-se com seu fiel amigo, disse-lhe que se sentia interiormente movido a ir acabar seus dias em alguma solidão mais retirada e mais áspera. «Pronto estou para seguir-te», respondeu-lhe João; «mas, para não proceder com ligeireza e para conhecer se é de bom espírito esse impulso, seria eu de parecer que o consultássemos com nosso santo abade; e, uma vez que ele o aprove, asseguramos o acerto.» — «Concordo», replicou Simeão; «vamos declarar-lhe nosso instinto, e conformar-nos-emos cegamente com sua resolução.» Era o santo abade um homem dotado de grande discrição, e desde logo compreendeu que o que se lhe propunha não nascia de ilusão nem de ligeireza, parecendo-lhe tão clara a vocação de Deus que não devia opor-se a ela; e assim, abraçando-os ternamente e dando-lhes sua bênção, disse-lhes: «Ide, filhos meus, em boa hora, e segui o Espírito Santo, que vos conduz ao deserto, procurando ser fiéis a graça tão singular.»

Com este seguro salvo-conduto partiram alegres os dois solitários e tomaram o caminho rumo ao mar Morto, em cujas margens, depois de terem caminhado alguns dias, acharam uma celinha abandonada por ter morrido pouco tempo antes o anacoreta que a ocupava; e parecendo-lhes ser aquela a morada com que os brindava a divina Providência, estabeleceram-se nela, rendendo mil graças ao Senhor por tê-la preparado para eles.

Toda a sua ocupação se reduzia a exercícios de oração e de penitência: aquela era de todas as horas, e o sono que tomavam recostados sobre umas pedras mal a interrompia. Não era possível vida mais penitente; o jejum era contínuo, e o pouco alimento que tomavam era nova e não pouco rigorosa penitência. Enfim, à sua vida, em tudo semelhante à dos primeiros fundadores do estado monástico, só faltava a prova da tentação. Preparou-lha o inferno abundantemente com toda a sorte de tentações; a memória do que haviam deixado, a absoluta falta de tudo, o tédio, o desgosto e as mais vergonhosas tentações tê-los-iam sem dúvida derrubado, se a divina graça não os tivesse sustentado. Traziam continuamente à memória o objeto de sua primeira resolução, o exemplo de tantos santos e o fruto que perderiam de tantos trabalhos padecidos; mas seu

principal recurso era a oração: animavam-se reciprocamente em suas santas conversações, aumentavam as penitências, e, na medida delas, crescia sua confiança no Senhor, por cujos meios, e com o auxílio do céu, conseguiram por fim uma completa vitória.

Havia quase dezenove anos que nossos dois solitários viviam naquele espantoso deserto, entregues totalmente aos exercícios da mais dura penitência, quando de repente assaltou a Simeão um vivíssimo pensamento de abandonar a solidão e ir meter-se no meio do próprio mundo, para combatê-lo cara a cara com um gênero de armas verdadeiramente pouco usadas até então. Era sua ideia fingir-se louco e humilhar-se voluntariamente aos olhos dos homens com afetadas demonstrações de uma loucura aparente, para confundir (dizia ele) com esta humilhação a vã sabedoria dos filhos do século e atacar o orgulho humano em suas últimas trincheiras. Comunicou este plano a seu amado companheiro, que, sobressaltado ao ouvir resolução tão extraordinária, não omitiu razão alguma para dissuadi-lo; mas nosso santo manteve-se inflexível em seu meditado intento. «É certo (dizia Simeão) que é obscura, e que não deixa de ser penitente, a vida que aqui fazemos; mas meu amor-próprio acha-se bem nesta quietude, e até o orgulho como que não deixa de fomentar-se com a própria penitência. A mim ninguém me exercita; e quem se fará fiador de que ao cabo chegarei a domar este inimigo caseiro?» João, pelo contrário, representava-lhe quanto julgava dever opor a um projeto tão estranho como escorregadio; o terno amor que professava a tão caro companheiro sugeria-lhe mil razões tão sólidas como eficazes para dissuadi-lo daquela ideia, os perigos a que se expunha, as ciladas do inimigo comum e a facilidade de se desencaminhar por uma senda tão desconhecida como pouco trilhada; mas a inspiração era tão forte, e a voz de Deus ao coração se percebia tão clara, que não lhe foi possível fazer mossa em Simeão. Separaram-se, enfim, os dois ternos amigos, desfazendo-se em doces lágrimas, mas com recíproca palavra de tornarem a ver-se antes de morrer. Nosso santo partiu pela segunda vez para visitar os santos lugares de Jerusalém, onde renovou sua resolução com a memória dos abatimentos e humilhações que o Senhor padeceu naquela cidade, querendo também ser reputado por louco na corte do rei Herodes; e, de Jerusalém, foi diretamente a Emesa, na Síria, onde passou o resto de sua preciosa vida.

Desde aquele ponto foi o único objeto de sua santa ambição tudo aquilo que o podia tornar desprezível aos olhos dos homens. Deu início à sua representação misturando-se com os rapazes e com as crianças, brincando com eles nas ruas e praças públicas. Afetava mil extravagâncias no meio do populacho; metia-se nas rodas de gente e entretinha conversações tão ridículas como impertinentes; fingia uns movimentos, um ar, uma conduta e uns modos tão dignos de riso, tão extravagantes e tão opostos a toda boa razão, que uns o tinham por tolo, outros por louco, e a maioria era de parecer que tinha tanto de um como de outro.

Não há homem tão ambicioso de aplausos como nosso santo o foi de abatimentos e desprezos.

Feito o riso do povo e o brinquedo dos rapazes, todo o seu gosto era ver-se farto de opróbrios; e quando a estes se acrescentavam as pauladas, o que não acontecia poucas vezes, então saltava de contente e ria-se. Tinha-se esta insensibilidade por prova concludente de sua loucura; e o era de sua heroica virtude.

Não era seu único fim fazer-se desprezível aos olhos dos homens; pretendia também ganhar almas para Deus por meio de cem artifícios. Algumas vezes ficavam todos admirados ao ouvi-lo dizer, entre suas extravagâncias, muitas verdades importantes que causavam impressão, e alguns delas se aproveitavam; de maneira que aquela aparente loucura era, em suma, um véu com que encobria as graças que Deus lhe fazia e um artifício variado, por uma parte para ocultar e por outra para assegurar o êxito de muitas boas obras. Buscava algumas vezes as mulheres perdidas, dava-lhes do dinheiro que recolhia, divertia-as com seus graciosos desvarios, e tudo era para achar ocasião de repreender-lhes a desordenada vida; meios irregulares e extraordinários, que em outros seriam perniciosos e a Simeão saíram tão bem que o imaginado louco fez sensatos a muitos, tirando do infeliz estado da culpa muitas pessoas de todas as classes e idades, e retirando do vício não poucos jovens dissolutos e não poucas mulheres perdidas; mas de nada se guardava tanto Simeão como de que chegassem a conhecer o que verdadeiramente era.

Quando se encontrava na rua com alguns energúmenos, conhecendo que o Senhor os queria livrar daquele trabalho por sua intercessão, misturava-se entre eles, arremedava seus gestos, contorções e movimentos; se eles gritavam, ele gritava mais que todos; e por este meio ficavam livres do maligno hóspede que os molestava, sem que a ninguém ocorresse que era por seus méritos que lhes concedia o céu aquela graça.

À sombra deste dilúvio de abatimentos ocultava também suas rígidas penitências. Seu jejum era rigoroso em excesso; de ordinário passavam-se-lhe três dias naturais sem comer nem beber, e algumas vezes toda a semana. Entrava nas tavernas públicas, sentava-se à mesa com os homens mais perdidos, mantinha-os divertidos com seus graciosos ditos e extravagâncias, sem que percebessem que não comia bocado; metia-lhes, de quebra, umas verdades e uns desenganos que lhes passavam a alma, mas sem jamais conceder a menor indulgência a seus sentidos. No meio de uma vida aparentemente tão dissipada, nunca se dispensou de suas mortificações ordinárias, nem perdeu um ponto de seu recolhimento interior. Dormia não mais que duas ou três horas por noite, sem outra cama além de uns feixes de sarmentos, passando o restante em oração, acompanhada sempre de copiosas lágrimas. Muitas vezes o viam como extático, fixos os olhos no céu, o rosto abrasado pela força do fogo divino que interiormente o consumia; mas tinha tal arte para disfarçar estas exterioridades que todas se atribuíam a efeito natural de sua loucura.

Comunicou-lhe Deus muitos dons sobrenaturais, e entre outros o de profecia, com o qual predizia as coisas futuras, mas sempre encobrindo-as de maneira que não despertasse a curiosidade nem causasse admiração. Entrou um dia em certo edifício público sustentado por muitas colunas; levava um látego na mão e começou a dar grandes açoites em algumas delas, dizendo-lhes ao mesmo tempo: «Ficai firmes, que logo vos farão bailar.» Assim profetizou um violento terremoto que sucedeu poucos dias depois, e notou-se que caíram por terra todas as colunas, exceto as que o santo açoitou.

Com arte semelhante profetizou o estrago que fez a peste em Emesa, dizendo a muitos meninos da escola que se dispusessem para fazer uma longa viagem; e foram pontualmente os mesmos que o contágio lançou na sepultura. Curou repentinamente a não poucos enfermos só com fazer o louco em presença deles. Enfim, seu maior estudo era disfarçar tudo o que de bom fazia, e saiu tão eminente nesta divina arte que, como observa com discrição o autor de sua vida, aquele mesmo

Senhor que costuma fazer milagres para manifestar seus santos parece que a cada dia fazia muitos mais para obscurecer a este. Contudo, alguns servos de Deus mais iluminados não deixavam de descobrir sua heroica virtude por entre os nevoeiros de sua profunda simulação. Finalmente, chegou a tanto a insaciável fome de ver-se humilhado que, tendo-o acusado uma mulher de má vida, imputando-lhe ser o pai do fruto que trazia em suas entranhas, não só sofreu o santo esta confusão sem dizer uma só palavra em sua defesa, mas portou-se de um modo estranho, fazendo crer aos incautos que a acusação nada tinha de calúnia. Mas o Senhor tomou a defesa de sua inocência, atormentando a infeliz mulher com tão cruéis dores em seu parto que jamais pôde dar à luz a criança até que publicamente se retratou, declarando quem era seu verdadeiro pai.

Advertido Simeão por revelação divina de sua próxima morte, quis cumprir a palavra que havia dado a seu antigo e fiel amigo de que o tornaria a ver antes de morrer, e foi imediatamente a sua primeira solidão. Ficou agradavelmente surpreendido seu amado companheiro quando o viu em sua presença; abraçaram-se ternamente, e foram as doces lágrimas de ambos intérpretes fiéis de seu recíproco gozo. «Eis-me aqui (disse Simeão), que pela graça de meu Senhor Jesus Cristo terminei minha carreira e, achando-me já no fim dela, venho cumprir minha palavra e dar-te o último abraço.» A estas palavras voltou a renovar-se o pranto; mas interrompeu-o a relação que fez Simeão das grandes misericórdias que Deus havia obrado com ele e de todas as suas não menos raras que exemplares aventuras. Admirou o bem-aventurado João os extraordinários caminhos da divina Providência; bendisse mil vezes ao Senhor e, depois de se recomendarem os dois reciprocamente às suas orações, voltou Simeão a Emesa, onde fez reservada confidência de toda a sua vida ao hóspede que o tinha em sua casa, o qual era um diácono daquela igreja, homem caritativo e piedoso, que já havia suspeitado que se ocultava algo de extraordinário na conduta de Simeão. Exigiu-lhe inviolável segredo por toda a sua vida e suplicou-lhe que lhe permitisse retirar-se por algum tempo a certo recanto muito escondido da mesma casa.

Passados dois dias sem que o santo aparecesse, quis o diácono saber se estava enfermo; mas encontrou-o já defunto e coberto com os sarmentos que lhe serviam de cama. Já todos estavam desenganados do que verdadeiramente era Simeão, manifestada visivelmente sua heroica santidade; pelo que foi sua morte acompanhada da pública veneração, e o Senhor acreditou seus merecimentos com muitas maravilhas. Foi levantado o santo corpo do cemitério onde o haviam sepultado; e, publicando cada um o raro e prodigioso que havia observado naquele servo de Deus encoberto, facilmente se reconheceram os primorosos traços de uma sabedoria cristã escondidos sob o véu de uma simplicidade aparente. Consagrou a Igreja universal sua memória com a honra do sagrado culto que lhe decretou; e não parece possível que suba a mais elevado ponto o amor e o anseio dos abatimentos que o que admira nossa veneração e nossa confusão neste santo singular.

São Casto e São Secundino, Mártires

Os admiráveis prodígios que se dignou obrar o Todo-Poderoso por meio de São Casto e São Secundino, para confusão do paganismo, no tempo em que o ímpio Diocleciano suscitou contra a Igreja uma das mais sangrentas perseguições que os fiéis padeceram, tornaram célebre a memória destes dois ilustres mártires de Jesus Cristo em todo o orbe cristão, cujos atos refere a Igreja de Gaeta nos seguintes termos.

Queixaram-se agriamente os sacerdotes pagãos ao imperador Diocleciano sobre a diminuição do culto e dos sacrifícios dos deuses romanos, ressentidos da multidão de idólatras que se convertiam a Jesus Cristo em virtude da pregação de Casto e Secundino, acompanhada dos muitos milagres com que confirmavam sua doutrina evangélica. O príncipe, afeiçoado às superstições pagãs, não ouviu com indiferença semelhante delação, que em seu conceito era o maior crime que podiam cometer seus súditos. Deu ordem imediatamente ao presidente da Campânia, chamado Curbo, homem bárbaro e cruel, zeloso como o que mais do culto de seus deuses, para que castigasse severamente Casto e Secundino. Procurou-os sem demora este tirano e, tendo-os em sua presença, começou em tom irado a repreender seus procedimentos contra as leis do império, intimando-os a que sacrificassem aos deuses romanos ou se dispusessem a morrer à força de requintados tormentos.

Ouviram os santos com tranquilidade de ânimo a áspera repreensão do presidente; mas, desprezando com valentia de espírito suas ameaças, responderam-lhe que, sendo servos do verdadeiro Deus, criador do céu e da terra, não podiam adorar os falsos deuses representados em vãs estátuas. Irritado o tirano com tão generosa resposta, mandou pô-los numa dura prisão, com ordem de que não se lhes desse coisa alguma de comer nem de beber; mas o céu os proveu abundantemente por ministério de um anjo. Passados alguns dias, fê-los comparecer a seu tribunal e, parecendo-lhe que para render homens daquele caráter seria meio mais poderoso a urbanidade que o rigor, começou a dizer-lhes que estranhava muito sua nobreza, que fizessem mérito para não serem castigados publicamente, acrescentando-lhes por último que, no caso de se negarem a sacrificar aos deuses romanos, mandá-los-ia lançar aos leões. Assim o executou, não tendo condescendido os mártires com sua pretensão; mas, esquecendo-se as feras de sua condição, prostraram-se aos pés dos santos, lambendo-os em ademã de veneração, prodígio que contribuiu não pouco para a conversão de muitos pagãos.

Os ministros tornaram a levar à prisão Casto e Secundino, os quais suplicaram ao Senhor que se dignasse ter misericórdia deles e confortá-los para o combate com os inimigos da fé. Concluída esta oração, desceu sobre eles uma brilhante luz, e dela se ouviu uma voz que lhes dizia: «A paz seja convosco, esforçados militares; não temais as ciladas do demônio, nem os tormentos do iníquo juiz, nem de seus ministros; pelejai fortemente, que eu estou convosco, até introduzir-vos na eterna mansão, onde permanecereis sem fim com vossos irmãos.» Concorreu ao calabouço uma multidão de crentes em Jesus Cristo para visitá-los; do que mais irritado o presidente, fazendo-os comparecer pela terceira vez à sua presença, insistiu com tenacidade no empenho de que sacrificassem a seus deuses, acrescentando que mandaria queimá-los vivos no caso de resistirem.

«Que te temam (responderam os santos) aqueles que temem incorrer na ira de teus deuses; mas nós, em nome do nosso, não te tememos nem ao fogo temporal; pois temos um bom Salvador de nossas almas, que pode fazer que nos sirvam de refrigério as chamas.» Vendo o tirano o nenhum

caso que os santos faziam de sua cominação, mandou acender uma fogueira e lançá-los nela amarrados; mas, bendizendo a Deus os ilustres confessores em meio ao incêndio, apagou-o maravilhosamente um anjo do Senhor. Admirado o tirano de tão repentino prodígio e de que nem a um só cabelo houvesse ofendido o fogo, quis atribuir a maravilha às más artes de que eram notados os cristãos pelos gentios em casos semelhantes. Mas Casto e Secundino lhe fizeram ver que estes milagres os obrava o verdadeiro Deus em favor de seus servos, para confusão dos inimigos da verdade.

Mais e mais enfurecido o tirano com os discursos dos santos, quis aterrá-los dizendo que disporia que seus ministros lhes quebrassem os dentes a golpes de pedra e que mandaria cortar-lhes a língua, para que desse modo não pudessem pregar a Jesus Cristo, o que pôs em execução, visto o desprezo que manifestaram os santos a tão terrível castigo. Voltados à prisão, apresentaram-se no dia seguinte no tribunal tão sãos como se jamais houvessem padecido a mais mínima lesão. «Dizei-me (perguntou-lhes o presidente, novamente admirado): quem é vosso Deus, em quem tendes tanta confiança que zombais dos nossos sem temor dos tormentos?» — «Nosso Deus (responderam os santos) é o verdadeiro e onipotente, que por sua virtude criou o céu, a terra e o mar e todas as criaturas, por quem subsistimos, e de quem tu estás separado.» Zombado o tirano em presença de todos, não tendo com que satisfazer a tão justa como racional reprovação, mandou açoitá-los cruelmente; mas, fazendo os ilustres confessores oração ao Senhor para que se dignasse obrar um de seus costumados prodígios, capazes de manifestar que era o verdadeiro Deus, ficou o tirano cego de repente.

Recorreu este, em semelhante conflito, a seus deuses, fundando o mérito de suas súplicas no zeloso ardor com que se interessava por seu culto; mas foram em vão seus clamores, assim como a repetição de sacrifícios que mandou fazer no templo de Apolo. Apelou a Casto e Secundino, os quais, esquecendo-se de suas injúrias, como verdadeiros discípulos de Cristo, restituíram-lhe a vista, a fim de que cresse que era o único verdadeiro o Deus dos cristãos. Quis o ingrato atribuir o prodígio a suas falsas divindades; mas os ilustres mártires lhe deram a conhecer que as estátuas mudas e surdas eram feituras dos homens, que são incapazes de conferir divindade a suas obras, como tampouco poder nem virtude alguma para semelhantes maravilhas.

Desvelava-se o tirano buscando arbítrios para render os esforçados militares de Jesus Cristo e, entre suas cavilações, ocorreu-lhe propor-lhes se sacrificariam a seus deuses no caso de que fizessem uma milagrosa cura. Aceitaram o partido os santos para demonstrar com este motivo o nenhum poder dos falsos deuses; e lisonjeando-se o tirano de haver conseguido seu intento, mandou que levassem um hidrópico ao templo de Apolo e que os sacerdotes pagãos fizessem sacrifício, a fim de que sarasse o enfermo; mas foi tão ao contrário que, ao se apresentarem os santos, caiu por terra a fingida divindade, sucedendo o mesmo logo que colocaram o simulacro pela segunda vez em seu trono, do qual zombando os ilustres mártires, curaram perfeitamente o hidrópico em nome de Jesus Cristo.

Temeroso o tirano de alguma sedição no povo, declarado em favor dos santos à vista das repetidas maravilhas que Deus obrava por meio de seus servos, delegou a causa a seu lugar-tenente, com particular ordem de que os obrigasse a sacrificar à força de requintados tormentos. Aceitou o lugar-tenente a comissão; e, em seu cumprimento, como não produzisse efeito a primeira

diligência de perversão, mandou pô-los num cepo de presos e atormentá-los ali até que negassem o verdadeiro Deus e cressem por tais os ídolos. Mas, orando os santos, levantou-se de repente tal tempestade que fugiram os verdugos e, descendo do céu um anjo do Senhor, pô-los em liberdade.

Convencido o lugar-tenente, à vista daquele prodígio e dos que já tinha ouvido, de que de nada aproveitava o poder de seus deuses para render os ilustres confessores de Jesus Cristo, nos quais visivelmente se deixava conhecer que obrava uma virtude superior, confessou-lhes ingenuamente que, se não temesse a ira do imperador e a de seu presidente, creria no Deus dos cristãos, autor de tão estupendas maravilhas. Fizeram-lhe ver os santos quanto prejudicavam estes respeitos humanos a sua eterna salvação; e, convencido, ofereceu-lhes converter-se contanto que sarassem um filho que tinha paralítico. «Para que conheças (disseram-lhe os santos) quanta é a virtude de nosso Senhor Jesus Cristo, vai a tua casa e dize ao enfermo: Em nome do Deus que pregam Casto e Secundino, levanta-te são.» Assim o fez o lugar-tenente, e no mesmo instante recuperou a saúde desejada o paralítico, por cujo milagre se converteu este com seu pai e toda a família e muitos outros pagãos.

Soube o presidente Curbo o inesperado sucesso de seu lugar-tenente e, mandando conduzi-lo à sua presença preso com os santos, ameaçou-os de novo, dizendo que ordenaria apedrejá-los se dilatassem por mais tempo sacrificar aos deuses romanos. Desprezaram Casto e Secundino, com igual valor ao das ocasiões antecedentes, aquele castigo, o qual, posto em execução, cobriram-nos de pedras os ministros pagãos num campo aonde foram levados para esse efeito; mas no dia seguinte apresentaram-se ao tirano sem lesão alguma, para que conhecesse por aquele prodígio, já que não pelos anteriores, o poder do verdadeiro Deus a quem adoravam os cristãos. Irritado mais Curbo com a nova maravilha, mandou derreter chumbo numa caldeira e lançar nela os ilustres confessores de Jesus Cristo; mas, extinto o incêndio, saíram daquele suplício mais puros que o ouro do crisol. Creram em Jesus Cristo inumeráveis pagãos à vista de tantos e tão repetidos portentos, pelo que, convencidos de que só era verdadeiro o Deus que pregavam Casto e Secundino, ameaçaram o tirano com a morte se não desistisse de atormentá-los.

Temeroso o presidente de alguma sedição do povo, ordenou voltar ao cárcere os santos e deu parte de tudo o ocorrido ao imperador, o qual, sentindo os progressos de Casto e Secundino, com conhecida míngua do poder de seus deuses, enviou tropas a fim de que auxiliassem as intenções de seu presidente, que, alentado com o reforço, insistiu como nunca em que sacrificassem os mártires, para o que dispôs que fossem conduzidos ao templo de Apolo; mas, tendo feito oração antes de chegar a ele, pedindo a Deus que o arruinasse com todos os seus simulacros para maior confusão dos pagãos, verificou-se assim com efeito, ficando sepultado nas ruínas o tirano com os demais que contribuíram para a morte dos ilustres confessores. Foi aquele dia de grande luto para os pagãos que, ressentidos das desgraças ocorridas, vingaram-se decapitando os santos, os quais alcançaram por este meio a desejada coroa do martírio no dia 1º de julho do ano 306. Recolhidos seus corpos pelos fiéis, foram sepultados em Sinuessa, cidade da Campânia, que foi o lugar de seu glorioso combate, segundo assinala o Martirológio Romano, embora outros digam que foi Sessa, na arquidiocese de Cápua, entre esta cidade e a de Gaeta, aonde se trasladaram suas relíquias e se conservam em grande veneração, acreditando Deus cada dia com repetidos prodígios a poderosa intercessão de seus fidelíssimos servos.

Martirológio Romano

No monte Hor, a morte de Aarão, primeiro sacerdote da ordem levítica.

Na Grã-Bretanha, São Aarão e São Julo, mártires, que padeceram depois de São Albano, na perseguição de Diocleciano. Pelo mesmo tempo e no mesmo país, um considerável número de pessoas, depois de terem sido atormentadas de várias maneiras e dilaceradas cruelmente, sustentaram até o fim a terrível prova e chegaram às moradas eternas.

Em Malinas, o suplício de São Romboldo, mártir, filho de um rei dos escotos da Irlanda e bispo de Dublin.

Em Sinuessa, São Casto e São Secundino, bispos e mártires.

Em Viena, São Martinho, discípulo dos apóstolos.

Em Clermont, na Alvérnia, São Gal, bispo.

Na região de Lyon, na França, a morte de São Domiciano, abade, o primeiro que fez naquele país vida eremítica, formando uma reunião de muitas pessoas para o serviço de Deus. Tendo-se esclarecido com grandes virtudes e brilhantes milagres, subiu às celestes moradas ao cabo de uma idade muito avançada.

Na região de Reims, São Tierri, presbítero, discípulo de São Remígio, bispo.

Em Angoulême, São Cibar, abade.

Em Emesa, São Simeão, confessor, apelidado Salós, o qual aparentou ser insensato por Jesus Cristo, mas Deus descobriu sua alta sabedoria com grandes milagres.

Em Viena, São Tibaldo, ermitão, que foi canonizado por Alexandre III.

No país de Retz, na Bretanha, São Lupiano, que morreu na mesma semana de seu batismo.

No Maine, São Hilário de Oise, confessor.

No mesmo lugar, São Calais, abade do celebérrimo mosteiro de que foi fundador.

No Rouergue, São Flores, confessor.

Na Bretanha, São Leonoro, bispo, discípulo de São Ifut, que havia sido instruído por São Germano de Paris. Em La Motte-Merion, perto de Saint-Didier, diocese de Rennes, São Golvino, bispo de Léon, depois solitário.

Em Denain, Santa Rainha, esposa do bem-aventurado Adalberto, conde de Ostrevant, mãe de Santa Refroia.

Em Mogúncia, São Arnaldo, arcebispo, que foi morto pelos moradores daquela cidade.

Em Acuello, em Castela, São Simeão, lavrador, cujo corpo é venerado no mesmo povoado, numa capela da igreja de São Jorge.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor não pontífice, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Simeonis confessoris tui solemnitate deferimus; ut qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus qui tibi placuit precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi, Senhor, benignamente as súplicas que vos fazemos na solenidade do bem-aventurado Simeão, vosso glorioso confessor, para que consigamos, pela intercessão daquele que tanto vos agradou, o que não podemos esperar de nossos merecimentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da primeira que escreveu o apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 4,9-14

> **Latim:** 9 Puto enim quod Deus nos Apostolos novissimos ostendit, tamquam morti destinatos : quia spectaculum facti sumus mundo, et angelis, et hominibus. 10 Nos stulti propter Christum, vos autem prudentes in Christo : nos infirmi, vos autem fortes : vos nobiles, nos autem ignobiles. 11 Usque in hanc horam et esurimus, et sitimus, et nudi sumus, et colaphis cædimur, et instabiles sumus, 12 et laboramus operantes manibus nostris : maledicimur, et benedicimus : persecutionem patimur, et sustinemus : 13 blasphemamur, et obsecramus : tamquam purgamenta hujus mundi facti sumus, omnium peripsema usque adhuc. 14 Non ut confundam vos, hæc scribo, sed ut filios

> meos carissimos moneo.

Português: [9] Porque entendo, que Deos nos tem posto pelos últimos dos aposto- los, como sentenciados á morte: por- que somos feitos espectaculo ao mundo, e aos anjos, e aos homens. [10] Nós nescios por Christo, e vós sabios em Christo: nós fracos, e vós fortes: vós nobres, e nós desprezi- veis. [11] Até esta hora padecemos até fome, e sede, e desnudez, e somos esbofeteados, e não temos morada segura, [12] e trabalhamos obrando por nos- sas proprias mãos: amaldiçõão-nos, e bemdizemos: perseguem-nos, e o soffremos: [13] somos blasfemados, e rogamos: temos chegado a ser como a im- mundicia d'este mundo, como a escoria de todos atégora. [14] Eu não vos escrevo isto, para vos envergonhar, mas amocesto-vos como a filhos meus, que muito amo.

Nota

«Espetáculo significa propriamente um objeto extraordinário que suspende, chamando a atenção e a admiração dos concorrentes. Neste sentido, assim os apóstolos como os demais santos foram espetáculo ao mundo, aos homens e até aos próprios anjos, todos suspensos e admirados à vista do que fizeram e padeceram por Cristo.»

Reflexões

Nós somos néscios por amor de Jesus Cristo, mas vós sois prudentes. Assim falava São Paulo àqueles homens carnais, àqueles cristãos mundanos, àqueles presunçosos espíritos fortes de Corinto. Era visível a ironia, mas estava muito em seu lugar. E por que não poderemos falar no mesmo idioma aos cristãos de nossos tempos? Nós somos néscios por amor de Jesus Cristo; ao menos é bem certo que são reputados por tais todos aqueles que se conformam com as máximas do Evangelho. E se não, digam-me: com que olhos se olha hoje no mundo o ajuste dos costumes, o porte comedido, a mortificação dos sentidos, o recolhimento interior, a modesta compostura, o retiro do bulício? À devoção trata-se-lhe de pusilanimidade de espírito, e chama-se escrúpulo a delicadeza de consciência. Olha-se com certa espécie de lástima aqueles que seguem o caminho que nos deixou assinalado Jesus Cristo. Os aplausos e a estima reservam-se para os mundanos; parece que só no espírito do mundo se encontra recolhido o bom juízo e a razão. A profanidade, o brilho, as molas das paixões, uma fortuna brilhante, o amor das riquezas, os artifícios do amor-próprio, o reinado dos prazeres: isto é o que dá o mérito no mundo. Na opinião de muita gente, a vida obscura, humilde e retirada é uma verdadeira desgraça, não de outra maneira que se estivessem proscritas as máximas da religião. Vedes aqui dois caminhos bem opostos; vedes aqui dois espíritos bem diferentes; vedes aqui duas regras de costumes bem contrárias. Se os homens do mundo são prudentes, os servos de Deus são insensatos; porque pode haver maior loucura que macerar a carne, mortificar os sentidos, ter sujeito o amor-próprio a uma perpétua servidão e estar

fazendo contínua violência a si mesmo? Pois esta, e não outra, é a doutrina de Jesus Cristo; é certo que o mundo a condena, mas qual dos dois se engana? Se a verdadeira sabedoria está nas máximas do Evangelho, o não segui-las será uma insigne loucura. Mas se são sábios e sensatos os mundanos seguindo uma vida pouco cristã, será preciso que vão errados os devotos e os virtuosos. Isto não admite meio-termo. Santo Deus, que disjuntiva tão terrível! Haverá quem tenha ousadia para dizer que os santos erraram seguindo as máximas do Evangelho? Logo é muito certo que quem não as segue vai descaminhado. Homens carnais, mulheres mundanas, espíritos dissipados, dissolutos de profissão, corações profanos, quão dignos sois de compaixão em vossos lastimosos descaminhos! Fazei, fazei ostentação de vossa vaidade; apregoai vossas escandalosas máximas; fazei alarde de vossa conduta licenciosa; sustentai com arrogância vossa irreligião; nada estimeis senão vossas riquezas mundanas; tende-vos em boa hora por prudentes e por discretos; vossa mesma conduta é a prova mais concludente da mais insigne loucura. Pode haver maior extravagância do que forjar-se um caminho inteiramente contrário ao que o mesmo Jesus Cristo nos deixou expressamente demarcado? Oh, e quanta verdade é que não há outra verdadeira sabedoria senão as máximas do Evangelho! Todo homem que se condena é sumamente insensato; só são sábios aqueles que se salvam.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** 32 Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. 33 Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. 34 Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: 32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. 33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. 34 Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Do amor dos desprezos

Primeiro ponto

Considera que o amor dos desprezos é a prova menos equívoca e, em rigor, sinal infalível da verdadeira humildade. Enganam-se não poucos, lisonjeando-se de humildes porque conhecem suas imperfeições e confessam seus defeitos. Não basta sentir baixamente de si; não é preciso mais que um pouco de reflexão para que cada um conheça suas misérias e suas inutilidades, com outro pouco de entendimento para condená-las. Somente os simples deixam de discernir as sombras. A estima de si mesmo é vício de almas baixas e de entendimentos vulgares; um entendimento desimpedido e nobre descobre com clareza todos os seus defeitos e não os dissimula. Mas este conhecimento especulativo de nenhuma maneira constitui o caráter da verdadeira humildade; é esta uma virtude moral, que nem consiste nem reside precisamente no entendimento, mas principalmente na vontade, domicílio e assento de todas as virtudes cristãs. Para sermos verdadeiramente humildes, é necessário, primeiro, sentir baixamente de si e, segundo, desejar que os demais sintam o mesmo e não nos tenham por melhores do que somos. Não há maior injustiça que exigir dos outros estimem de nossas pessoas aquilo que nós mesmos julgamos digno de desprezo. A quem pode parecer mal que não seja estimado aquilo que Deus condena e que nós mesmos condenamos? Ser verdadeiramente humilde sem desejar verdadeiramente ser humilhado não pode ser. Já que o amor dos desprezos nasce sensível, já que os sentidos e o amor-próprio se opõem a ele, pelo menos deve ser aplaudido pela razão, assim como o é sempre pela religião. A humildade sem humilhações é sempre suspeita. Bem pode alguém ser humilhado sem ser humilde; mas é impossível desejar sê-lo sem verdadeira humildade. O mérito dos primeiros cristãos e dos religiosos consistiu em viver abatidos, humilhados e desprezados do mundo. O original daquelas ilustres cópias foi o exemplo de Jesus Cristo. A mesma humilhação, o mesmo desprezo, pode ser duvidoso, pois ninguém há que não seja capaz de praticar o amor-próprio, sendo certo que entre todas as paixões a mais cômica e a melhor representante é o orgulho, o qual se sabe fomentar até com as humilhações e com os desprezos mais aparentes; mas o amá-los e o desejá-los não pode ser sem verdadeira humildade.

Oh, meu Deus, e quão pouco se conforma esta doutrina com o gosto do mundo! A maior parte dos devotos nada sente, nada aborrece tanto como a humilhação. Só se busca uma virtude aplaudida; os desprezos inquietam e perturbam o coração; mas será muito genuína a virtude que tão mal se acomoda com eles?

Segundo ponto

Considera que a humilhação é constitutivo essencial da penitência, porque todo pecador verdadeiramente contrito deseja ser humilhado. É certo que as humilhações obscuras e mudas, as secretas e interiores, são um antídoto excelente para conservar a virtude; mas não são absolutamente incompatíveis com certa oculta vaidade que rói e despedaça tudo aquilo que não nos humilha aos olhos dos homens. É nosso orgulho um inimigo doméstico que se esconde, que se entrincheira e que talvez finge fugir ou render-se nas ocasiões; mas, na realidade, ninguém o doma inteiramente senão as humilhações públicas e os desprezos ruidosos. Desenganemo-nos: só com desprezos se fortifica a humildade. Ai, Deus meu, e quão poucos são os que dizem de coração com

o profeta Davi: «Bom é para mim, Senhor, que me tenhas humilhado, porque desta maneira aprenderei a guardar com fidelidade tua santa lei.» Ah, que só a ameaça de uma humilhação, de um abatimento público nos estremece! Até as pessoas que fazem profissão de virtude desejam ser humildes, mas não humilhadas. A humilhação entibia o fervor, causa tédio à virtude, entra depois a secura e apodera-se do coração a amargura. Acabando-se o aplauso, acaba-se a virtude: prova evidente de que era superficial e bastarda. Enobreceu Cristo a humilhação depois que ele mesmo se humilhou e se aniquilou, como se explica o Apóstolo. O mesmo Salvador foi quem nos delineou o plano da vida cristã, assinalando todos os caminhos, e entre eles nenhum assinalou que não esteja cheio de vales escuros e sombrios. Os cumes são para o mundo e para os alentados de seu espírito. «Aprendei de mim (diz o Senhor) que sou manso e humilde de coração.» Mas a humilhação que nos ensina é a do coração, não a de puro entendimento; e essa humildade de coração não é outra, propriamente falando, que o amor dos desprezos. Nem esta importante lição a dirige precisamente aos religiosos: dirige-a a todos os cristãos, a todos os seus discípulos, aos grandes do mundo, aos afortunados do século, aos sábios, aos ricos, aos anciãos, aos jovens. Mas os cristãos de nossos tempos estão muito adiantados nesta ciência prática? Amam os desprezos tanto como os santos os amaram? Ninguém há no céu que não se assinalasse no amor de seus abatimentos.

Oh, Deus, e quão distintas foram das nossas as máximas dos santos! É nosso espírito o mesmo que o seu? E, contudo, a religião é a mesma, a doutrina a própria. Muitos mistérios encerra esta palpável contradição. Chegaram os santos ao termo de sua carreira; e chegaremos nós ao mesmo seguindo um caminho tão oposto?

Ah, Senhor, não consulteis meu coração nem minha repugnância natural! Humilhai-me, abatei-me quanto for de vosso agrado, contanto que vos digneis usar comigo de misericórdia. É-me necessária a humilhação; e se, por minha covardia, não a amar, fazei ao menos que a aceite com resignação.

Jaculatórias

> *Bonum mihi, quia humiliasti me.* Sl 118.

Foi-me muito conveniente, Senhor, que me tenhais humilhado.

> *Humiliatus sum usquequaque, Domine, vivifica me secundum verbum tuum.* Sl 118.

Sustentai-me, Senhor, em meus abatimentos, segundo o prometestes.

Propósitos

1. Temem-se, aborrecem-se as humilhações; e não se teme a condenação eterna, que certamente é o maior e o mais vergonhoso de todos os abatimentos. Nosso orgulho é a origem de todas as nossas desordens e, tarde ou cedo, causa a morte da alma. Que remédios não se aplicam para curar um abscesso?

Não se poupa o ferro nem o fogo; admitem-se com gosto os mais amargos, os mais desagradáveis, contanto que se considerem eficazes. Tal virtude tem a humilhação a respeito do orgulho: é amarga ao amor-próprio, não há dúvida; mas é um soberano específico para curar a inflamação interna do coração, pela qual o homem se avulta a si mesmo e concebe uma magnífica ideia de sua pessoa. A humilhação reduz essa ideia à sua justa medida e, fazendo-o descer daquelas alturas em que lhe anda a cabeça, põe limites à ambição, moderando seus desejos. Ama um meio tão eficaz para tornar-te feliz. Se não tens valor nem virtude para solicitar os abatimentos, pelo menos não voltes as costas aos que se te apresentam; estima-os como sinal certo da particular bondade com que te olha o Senhor e dá-lhe graças prontamente com alguma breve oração. É louvável costume o de rezar o *Laudate Dominum, omnes gentes...* quando nos sucede algum abatimento; e guarda-te sempre de prorromper na mais leve queixa.

2. Sendo-nos tão proveitosa a humilhação, que razão haverá para que não tenhamos por amigos aqueles de quem Deus se vale para nos enviar a humilhação? Façam-no por paixão, ou façam-no por inadvertência, sempre devemos amar a mão que nos cura, ainda que nos abrase. Quando o remédio é eficaz, não se faz caso de que seja amargo. Não há maior injustiça que olhar com maus olhos os que nos humilham; se fosse lícito ter aversão a alguém, deveria ser aos que nos exaltam, pois, contribuindo para nossa perdição, não parece que devêssemos ficar-lhes muito obrigados. Ofendeu-te, abateu-te, humilhou-te alguém? Pois trata-o com mais carinho, dedica-te a servi-lo com maior cuidado e deixa que grunha o amor-próprio quanto quiser; mantém-te firme nesta prática, porque não a há mais segura para fazer grandes progressos na perfeição.

Frequentemente voltamo-nos contra nossos contendores, contra nossos superiores, contra nossos prelados quando nos sucede alguma humilhação; fazemos muito mal. E por que não nos voltaremos contra nossa insuficiência, contra nossa torpeza, contra nosso pouco espírito, contra nossa estupidez, que nos acarretou aquele abatimento, mil vezes merecido por outros muitos motivos? Coisa estranha! Todos confessamos de boa vontade que aos olhos de Deus somos desprezíveis; e nada sentimos tanto como ser efetivamente desprezados.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:49 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:49 by Admin